

19/5/1985

Esquerda briga para liderar carteiros

São Paulo — Depois de mais de 20 anos, os funcionários dos correios de São Paulo redescobriram o caminho da greve para defender suas reivindicações. Mas pagaram o preço da inexperiência e da falta de organização. Sem compromissos definidos, os líderes do movimento tornaram-se imediatamente alvos das atenções de uma ampla frente de organizações de esquerda, que vai do PCB ao PC do B, passando pelo PT, CUT e Conclat.

A organização e a forma de mobilização lembram a greve dos bóias-frias de Guariba em 1984 e no início deste ano: uma explosão espontânea, imediatamente, capitalizada por partidos e tendências sindicais concorrentes. Como em Guariba, a briga pela hegemonia provocou pequenos atritos entre a CUT, petista, e a Conclat apoiada pelos partidos comunistas.

Os líderes dos funcionários dos correios instalaram o comando de greve no gabinete da Vereadora Irede Cardoso, do PT. Antes, já haviam recebido ajuda do Deputado Federal Genoíno Neto, do PT e vinculado ao PCR — Partido Comunista Revolucionário. No dia 1º de maio, quando anunciaram a greve eram assessorados por militantes do PC do B — Partido Comunista do Brasil.

Na quinta-feira, numa das assembleias, o dirigente sindical Cândido Hilário Garcia de Araújo falou em nome de PCB, garantindo que “as manifestações populares e as greves não atrapalham em nada o avanço democrático”.

O apoio logístico veio de várias correntes. O Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, presidido pelo veterano sindicalista Joaquim dos Santos Andrade, o Joaquinzão, cedeu uma de suas subseções, fornecendo aparelhagem de som e a gráfica. A assessoria jurídica foi feita por uma advogada do Sindicato dos Bancários de São Paulo, um dos mais importantes da CUT no Estado.

Pedro Porcino, principal líder dos funcionários dos Correios, é apontado como vinculado ao Deputado Federal Aírton Soares, que se elegeu pelo PT, mas está em trânsito para o PMDB. Foi o deputado que intermediou uma tentativa de diálogo com a direção nacional da ECT. Todos os dirigentes da CUT ou da Conclat, garantem, porém, que os líderes do movimento são pessoas sem qualquer vínculo estreito com partidos políticos ou correntes sindicais.

(Página 3)